



3865 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT15 - Educação Especial

Concepção(ões) de inclusão subjacente(s) às práticas educativas docentes e suas influências no encaminhamento de estudantes da Rede Municipal de Ensino de Feira de Santana para o Intereduc

Milena de Almeida Nunes - UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana

Maria Helena da Rocha Besnosik - UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana

O trabalho tem como objetivo identificar as concepções de inclusão subjacentes às práticas educativas dos docentes que encaminham estudantes da Rede Municipal de Ensino de Feira de Santana para o Intereduc e fundamenta-se em teóricos como Adorno, Goffman, entre outros, visando uma análise à luz da teoria crítica. Quanto à abordagem metodológica, terá como instrumento de coleta de dados a pesquisa bibliográfica e a análise documental. Os sujeitos da pesquisa são os professores da rede municipal.

Palavras-chave: Inclusão. Formação de Professores. Educação Inclusiva.

Concepção(ões) de inclusão subjacente(s) às práticas educativas docentes e suas influências no encaminhamento de estudantes da Rede Municipal de Ensino de Feira de Santana para o Intereduc

Pensar em uma concepção de inclusão que contemple a diversidade de sujeitos que fazem parte do contexto escolar ainda parece um sonho distante, principalmente quando volto meu olhar para fazer uma retrospectiva da minha trajetória estudantil, um dos motivos pelos quais me motiva a realizar este trabalho. A inquietação surge quando eu ainda era criança e, ao contrário de Formigadinha, personagem que intitula o livro da autora Rossana Ramos, não fui trocada de escola várias vezes na tentativa de “resolver o Problema”. Na década de 1990 ainda não se falava em psicopedagogos, neuropsicólogos e psicólogo era para “gente doida” sim.

Em uma das cenas do filme *Primeiro da Classe*, durante a vigésima sexta entrevista para tentar ser admitido como professor, a diretora assistente pergunta a Brad (protagonista do filme): -Você certamente teve professores que lhe inspiraram! E ele responde: - Eles me inspiraram a ser o tipo de professor que eles nunca foram. Quando o diretor lhe pergunta: - Que tipo de professor é esse? Ele responde sem hesitar: - Aquele que torna possível uma criança aprender, mesmo sendo diferente.

Identifico-me muito com essa fala do personagem e desde o primeiro dia em que eu pisei meus pés numa sala de aula, busquei ser para meus alunos e principalmente para aqueles que possuíam suas dificuldades e especificidades, o que não foram para mim. “O desejo de libertar-se do passado justifica-se: não é possível viver à sombra e o terror não tem fim quando culpa e violência precisam ser pagas com culpa e violência; e não se justifica porque o passado de que se quer escapar ainda permanece muito vivo.” Adorno(2000, p. 29).

Há alguns anos, tive uma rápida passagem pela Divisão de Educação Especial da Secretaria de Educação do município e lá, os laços com a educação especial e inclusiva se estreitaram ainda mais, principalmente ao vivenciar mais de perto as demandas que a nossa educação possui, bem como quando fui trabalhar no Intereduc (Centro Interprofissional de Apoio Educacional Professora Mariete Santana Bastos). Lá, iniciei meu trabalho realizando as triagens (avaliação inicial) dos estudantes que eram encaminhados e comecei a realizar os atendimentos pedagógicos.

A partir da minha prática e das reflexões e inquietações que foram surgindo no desenvolver do trabalho, voltava-me para os estudos na área da deficiência e inclusão a ponto de um problema motivasse a minha pesquisa. Dessa forma, iniciei um levantamento no banco teses e dissertações da Capes, e foi observado que entre 121 trabalhos que abordavam a Inclusão, estes focavam seu olhar na prática docente. Alguns trabalhos trazem contribuições e lacunas que norteiam esta pesquisa.

Conduto, meu interesse torna-se singular à medida que propõe analisar de que forma o(s) concepção(ões) de inclusão que estão subjacentes às práticas educativas dos docentes podem influenciar no encaminhamento de estudantes da Rede Municipal de Ensino de Feira de Santana para o Intereduc. Este trabalho é de grande relevância para o meio acadêmico e para a sociedade, porque tem como objetivo identificar quais as concepções de inclusão subjacentes às práticas educativas dos docentes que encaminham estudantes da Rede Municipal de Ensino de Feira de Santana para o Intereduc, no qual também desenvolve um trabalho pioneiro no estado da Bahia.

De acordo com o projeto de Implantação do Centro, “o InterEDUC se origina como uma rede de apoio ao trabalho pedagógico das escolas da rede municipal de ensino, ao ofertar atendimento aos estudantes a aos professores para uma educação de melhor qualidade” (Feira de Santana, 2015) Através do Serviço Especializado, o centro busca realizar esses atendimentos visando não somente as demandas pedagógicas, bem como aquelas de caráter emocional e social de forma a promover a melhoria do desenvolvimento pessoal. De acordo com a Primeira versão do Projeto de implantação,

O Intereduc atende aos alunos matriculados na Rede Municipal de Ensino de Feira de Santana. nasce como uma escola de porte especial cuja natureza do trabalho a ser desenvolvido visa dar suporte ao professor e ao estudante da rede municipal de ensino através de uma equipe de profissionais especializados das áreas: educação, psicologia, serviço social, educação física, artes dentre outros, para o apoio pedagógico, desenvolvimento/ampliação da sensibilidade artístico-criativa, cuidado afetivo-emocional, psicológico, físico-motor e dos estudantes, bem como formação continuada e cuidado afetivo-emocional para docentes das Salas Comuns e das Salas de Recursos Multifuncionais. (FEIRA DE SANTANA, 2015)

Entretanto, é comum atendermos ou encontrarmos professores que recebem em suas salas de aula alunos com necessidades

educacionais especiais, por não se sentirem preparados para atuar na diversidade e heterogeneidade. Devido a essa inabilidade de trabalhar com algumas especificidades, alguns professores encaminham seus estudantes ao Intereduc sem muitas vezes conseguir identificar se esse aluno possui necessidades educacionais especiais, dificuldade de aprendizagem, se não foi oportunizado àquele estudante a base pedagógica necessária ao seu desenvolvimento escolar e a queixa inicial seria demanda da escola.

Seja qual for a concepção de inclusão que subjaz a prática dos professores, ou seja, o que leva esses professores a acreditarem que estes sujeitos necessitam ser encaminhados, a demanda de alunos com necessidades educacionais especiais continuará chegando até as escolas, estejam esses professores habilitados ou não a trabalhar com estes alunos que possuem alguma Dificuldade de Aprendizagem ou Deficiência Intelectual. De acordo com (CROCHIK, 2009, p. 44)

Algumas pesquisas mostram a importância do professor na educação inclusiva. Segundo Cook, Tankersley, Cook e Landrun (2000), os alunos com dificuldades de aprendizagem em geral tendem a ser rejeitados por parte dos seus professores, e eles propõem que a atitude do professor seja considerada na implantação e no desenvolvimento do ensino inclusivo. Conforme esses autores, os comportamentos menos adequados de alguns alunos e seu aprendizado mais lento podem gerar atitudes desfavoráveis dos professores em relação a eles.

E essa "rejeição" extrapola o ambiente da sala de aula quando alguns professores encaminham esse aluno para uma Sala de Recursos Multifuncional e posteriormente para o Intereduc, como se esse sujeito não fosse mais responsabilidade dele e todo esforço para que o haja avanços partisse agora desses profissionais como uma espécie de "lavo as minhas mãos" ou "não sei mais o que fazer para ele aprender" Para(MANTOAN, 2003, p.18),

É fácil receber os "alunos que aprendem apesar da escola" e é mais fácil ainda encaminhar, para as classes e escolas especiais, os que têm dificuldades de aprendizagem e, sendo ou não deficientes, para os programas de reforço e aceleração. Por meio dessas válvulas de escape, continuamos a discriminar os alunos que não damos conta de ensinar. Estamos habituados a repassar nossos problemas para outros colegas, os "especializados" e, assim, não recaí sobre nossos ombros o peso de nossas limitações profissionais.

Bourdieu(2015, p. 81) coloca que " a noção de capital cultural impôs-se, primeiramente, como uma hipótese indispensável para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais, relacionando o "sucesso escolar". O que observamos em nossa prática, é que alguns professores confundem essa privação de capital cultural, que inclusive é comum de ser visualizada no público que nós trabalhamos, já que se trata de alunos da Rede pública de ensino do município e que consequentemente pertencem a "classes sociais que, por falta de capital cultural, tem menos oportunidades que outras de demonstrar um êxito." Boudieu(2015, p.56). Muitos desses alunos são rotulados e criam-se estigmas de que se ele é pobre, negro e possui alguma deficiência, ele não aprenderá e ponto. A partir daí nada é feito em termos de investimentos pedagógicos.

O aluno abstrato justifica a maneira excludente de a escola tratar as diferenças. Assim é que se estabelecem as categorias de alunos: deficientes, carentes, comportados, inteligentes, hiperativos, agressivos e tantos mais. Por essa classificação é que se perpetuam as injustiças na escola. Por detrás dela é que a escola se protege do aluno, na sua singularidade. Tal especificação reforça a necessidade de se criarem modalidades de ensino, de espaços e de programas segregados, para que alguns alunos possam aprender.(MANTOAN, 2003, p.29)

Glat, (2007, p.18) nos diz que essas experiências não são impeditivas para a realização de uma Educação Inclusiva, mas sim o desenvolvimento de um processo de transformação das concepções teóricas e das práticas em Educação Especial." Para isso, faz-se necessário um desvelar da epistemologia subjacente a prática pedagógica dos professores, uma maior clareza nas fundamentações desse fazer pedagógico e isso só será possível, não somente com a formação inicial, mas também com a formação continuada dos professores visando uma educação escolar menos excludente.

Para responder ao questionamento: De que forma a(s) concepção(s) de inclusão que estão subjacentes às práticas educativas dos docentes podem influenciar no encaminhamento de estudantes da Rede Municipal de Ensino de Feira de Santana para o Intereduc e com o intuito de levantar dados que nortearão o objetivo da nossa pesquisa que é: Identificar quais as concepções de inclusão subjacentes às práticas educativas dos docentes que encaminham estudantes da Rede Municipal de Ensino de Feira de Santana para o Intereduc, utilizaremos a abordagem qualitativa devido a subjetividade e complexidade do estudo buscar-se-á, de acordo com Minayo (2010) responder a questões específicas que não podem ser quantificadas. Segundo Oliveira, (2007, p.60)"Esse procedimento visa buscar informações fidedignas para explicar em profundidade o significado e as características de cada contexto em que encontra o objeto de pesquisa."

A pesquisa com a abordagem qualitativa utilizará como instrumento de coleta de dados a pesquisa bibliográfica e a Análise Documental porque esta "se constitui uma técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema." Ludcke e Menga (2005, p. 38).

Para o corpo teórico da pesquisa, está sendo realizado um levantamento bibliográfico, consultas em bancos de artigos e teses e revistas eletrônicas nacionais e internacionais, e após essa criteriosa seleção, através de leituras, fichamentos, objetiva-se consubstanciar todo o material.

A escolha pela Análise Documental é para identificar, através das fichas de encaminhamento dos estudantes, as concepções de inclusão que estão subjacentes às práticas pedagógicas docentes. Por considerar que a análise desse material trará riqueza de informações e pelo fato de que elas nunca foram analisadas, ou seja, "não receberam nenhum tratamento científico" Oliveira, (2007, p.69), e sim, somente foram analisadas com o intuito de identificar a demanda dos estudantes e realizar os devidos encaminhamentos. Para (LUDCKE E MENGA, 2005, p. 39),

Os documentos constituem fonte estável e rica. Persistindo ao longo do tempo, os documentos podem ser consultados várias vezes e inclusive servir de base a diferentes estudos, o que dá mais estabilidade aos resultados obtidos. Os documentos constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador.

Os sujeitos da nossa pesquisa são os professores da rede municipal de ensino de Feira de Santana, que encaminham estudantes para o Intereduc, entretanto, apesar de termos um número significativo de fichas, a princípio, pensamos em selecionar cinquenta encaminhamentos para que sejam analisados. A opção por essa quantidade de fichas que serão analisadas nos permitirá obter também uma maior credibilidade, evitando desta forma, falsas interpretações e análises, bem como impressões pessoais, tendo em vista que a análise criteriosa de cada documento nos trará elementos imprescindíveis, norteados a utilização ou não destes em nossa pesquisa. Caso haja necessidade, no intuito de dirimir possíveis dúvidas, analisaremos também os relatórios dos estudantes, emitidos também pela escola.

REFERÊNCIAS:

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra, 2ª edição, 2000.

BOURDIEU P. Nogueira, Maria Alice e Catani, Afrânio. **Escritos de Educação**. 16ª ed. Petrópolis, Vozes, 2015.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF, 1996. Disponível em: Acesso em jul. 2018.

_____. **Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica**. MEC/SEESP, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf> Acesso em ago. 2018.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência**. São Paulo: Brasiliense, 2007

CROCHÍK, José Leon et al. **Atitudes de professores em relação à educação inclusiva**. Revista Psicologia, Ciência e profissão, 29,1 p.40-59, 2009

FEIRA DE SANTANA. **Projeto de Implantação do Centro Interprofissional de Apoio Educacional** Professora Marliete Santana Bastos (interEduc), 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GLAT, Rosana (organização). **Educação inclusiva: Cultura e Cotidiano escolar**. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2007.

GOFMANN, Erving. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da identidade Deteriorada**. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: Zahar, 2ª ed. 1978.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986

MANTOAN, M.T.E. (2003). **Inclusão escolar. O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. Rio de Janeiro: Hucitec, 2010.

PIMENTEL, S. C. **Formação de professores para a inclusão: saberes necessários e percursos formativos**. In: MIRANDA, T. G.; FILHO, T. A. G. (Orgs.). **O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares**. Salvador: EDUFBA, 2012. p.139-155.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SILVA, Luciene Maria e SANTOS, Jaciete B. **Estudos sobre preconceito e inclusão educacional**. Salvador: Edfba, 2014